

**UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE *OUSIA* EM ARISTÓTELES**

[AN ANALYSIS OF THE CONCEPT OF OUSIA IN ARISTOTLE]

**Gerson Leite de Moraes**

*gerson.moraes@mackenzie.br*

ORCID: 0000-0002-8464-983X

*Licenciado em História pela UNAR, Bacharel e Licenciado em Filosofia pela FFLCH/USP. Mestre em Filosofia pela PUCCAMP, Doutor em Ciências da Religião pela PUCSP e Doutor em Filosofia pelo IFCH/UNICAMP. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.*

DOI: [10.25244/tf.v15i1.4034](https://doi.org/10.25244/tf.v15i1.4034)

Recebido em: 29 de junho de 2022. Aprovado em: 17 de fevereiro de 2023

Caicó, ano 15, n. 1, 2022, p. 153-165  
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v15i1.4034](https://doi.org/10.25244/tf.v15i1.4034)  
Dossiê Aristóteles dito de muitos modos



**Resumo:** O objetivo deste artigo é descrever e analisar o conceito de *ousia* na *Metafísica* de Aristóteles. Para realizar o exercício reflexivo mencionado, o trabalho em pauta procura mostrar como a *ousia* aparece na obra do Estagirita, privilegiando inicialmente uma análise a partir dos livros VII, VIII e IX (respectivamente, *Dzeta (Z)*, *Eta (H)*, *Teta (Θ)*), pois é nesta tríade que Aristóteles se esforça para determinar as causas primeiras, ou seja, os princípios. A ciência do ser enquanto ser, típica ciência dos filósofos, que trata de uma certa universalidade, fato que a distingue das ciências particulares, possibilitará a Aristóteles se distinguir de toda uma tradição filosófica, dialogando com a mesma, mas superando-a através de uma investigação profunda a partir da noção de *ousia* (substância). Na sequência, o esforço reflexivo recairá sobre o livro XII (*Lambda (Λ)*), que pode ser descrito como um tratado teórico sobre a *ousia*, pois busca os princípios e as causas das *ousiai*. Neste sentido, através de um recorte epistemológico e metodológico, almeja-se evidenciar de maneira sucinta, a exposição aristotélica sobre a substância sensível e a substância suprassensível.

**Palavras-chave:** Ousia, Metafísica, Ser, Ciência, Princípios.

**Abstract:**

The purpose of this article is to describe and analyze the concept of *ousia* in Aristotle's *Metaphysics*. In order to carry out the aforementioned reflective exercise, the work in question seeks to show how *ousia* appears in the work of the Estagirita, initially privileging an analysis from books VII, VIII and IX (respectively, *Dzeta (Z)*, *Eta (H)*, *Teta (Θ)*), because it is in this triad that Aristotle strives to determine the first causes, that is, the principles. The science of being as being, a typical science of philosophers, which deals with a certain universality, a fact that distinguishes it from the particular sciences, will enable Aristotle to distinguish himself from an entire philosophical tradition, dialoguing with it, but overcoming it through a deep investigation from the notion of *ousia* (substance). Subsequently, the reflective effort will fall on book XII (*Lambda (Λ)*), which can be described as a theoretical treatise on *ousia*, as it seeks the principles and causes of *ousiai*. In this sense, through an epistemological and methodological approach, the aim is to succinctly highlight the Aristotelian exposition about the sensible substance and the supersensible substance.

**Keywords:** Ousia, Metaphysics, Being, Science, Principles.

## INTRODUÇÃO

Falar em ciência<sup>1</sup> [epistêmê] em Aristóteles é algo bastante complexo. A afirmação do Estagirita no início do livro IV (Γ) da *Metafísica* mostra como o projeto ontológico aristotélico é ousado para a época.

Existe uma ciência que considera o ser enquanto ser e as propriedades que lhe competem enquanto tal. Ela não se identifica com nenhuma das ciências particulares: de fato, nenhuma das outras ciências considera universalmente o ser quanto ser, mas, delimitando uma parte dele, cada uma estuda as características dessa parte. Assim o fazem, por exemplo, as matemáticas. Ora, dado que buscamos as causas e os princípios supremos, é evidente que estes devem ser causas e princípios de uma realidade que é por si. (*Metafísica*, IV, 1003a 20-28)

As ciências elencadas nos dias de Aristóteles não reservavam um lugar especial para aquilo que pode ser chamado de ontologia. A tradição platônica concebia a filosofia e suas ramificações de uma maneira bem específica.

Os platônicos dividiam, geralmente, o saber especulativo em três ramos: dialética, física e moral. Xenócrates, segundo Sexto Empírico, teria substituído o nome dialética pelo nome lógica, e o próprio Aristóteles, em um escrito, ainda sob influência platônica, os *Tópicos*, conservará esta divisão que devia ter se tornado tradicional da Escola: ‘Para nos limitarmos a um simples esboço, distinguem-se três tipos de proposições e problemas: dentre as proposições, umas são éticas, outras, físicas, e outras, enfim, lógicas’; divisão que Aristóteles apresenta, é verdade, como uma aproximação e a qual ele se preocupa em substituir mais tarde por uma classificação mais científica. (AUBENQUE, 2012, pp.29-30)

Já os estoicos valem-se de várias metáforas para se referir à filosofia e suas ciências. Diógenes Laércio assim registra o entendimento dos estoicos.

---

<sup>1</sup> Temos pleno conhecimento dos problemas que o uso do vocábulo “ciência” pode causar quando aplicado a um autor da Antiguidade. “Em um primeiro momento, parece curioso e anacrônico encontrar o vocábulo ‘ciência’ em traduções contemporâneas de autores da Antiguidade grega, já que o mesmo termo hoje em dia tem um significado estabelecido e se refere, sobretudo, a corpos de conhecimentos sistematizados adquiridos via observação, identificação, pesquisa e explicação (método científico) de determinadas categorias de fenômenos e fatos, que são formulados de forma metódica e racional. Esse tipo de atividade, que surge no final da Idade Média com a dita Revolução científica, é desconhecido do mundo antigo e de boa parte da sociedade medieval. [...] Traduzir *ἐπιστήμη* por ‘ciência’ pode ser ocasionalmente enganador, mas não é necessariamente errado, como é o caso nos trechos vistos acima. Todavia, consideramos mais apropriado traduzir *ἐπιστήμη* por ‘conhecimento’ ou ‘saber’, que, na época atual, corresponde mais à realidade expressa pelo termo grego, mesmo que ‘ciência’ também possa ser, em certas acepções, sinônimo de ‘conhecimento’”. (HAMELIN, 2018, pp. 2-3)

## Uma análise do conceito de *ousia* em Aristóteles

MORAES, Gerson Leite de

Os estoicos dividem a filosofia em três partes: física, ética e lógica. [...] Os estoicos comparam a filosofia a um ser vivo, onde os ossos e os nervos correspondem à lógica, as partes carnosas à ética e a alma à física. Ou então comparam-na a um ovo: a casca à lógica, a parte seguinte (a clara) à ética, e a parte central (a gema) à física. Ou a comparam ainda a um campo fértil: a cerca externa é a lógica, os frutos são a ética, e o solo ou as árvores são a física. Ou comparam-na a uma cidade bem amuralhada e racionalmente administrada. E nenhuma parte é separada das outras, como dizem alguns estoicos, mas ao contrário todas estão estreitamente unidas entre si. (LAÉRTIOS, VII, 39-40)

É o mesmo Diógenes que descreve a compreensão dos epicuristas sobre a filosofia e suas partes. Ele diz:

A filosofia se divide em três partes: a canônica, a física e a ética. [...] Os epicuristas, todavia, costumam reunir a canônica e a física e chamam a canônica de ciência do critério da verdade e do primeiro princípio, e também doutrina elementar; chamam a física de ciência do nascimento e da morte, e também da natureza; a ética é chamada pelos mesmos de ciência do que deve ser escolhido e rejeitado, e também dos modos de vida e do fim supremo. (LAÉRTIOS, X, 29-30)

O projeto aristotélico que pretendia analisar o ser enquanto ser não encontrou grande ressonância na Antiguidade como pode ser observado a partir das citações acima, neste sentido, a proposta aristotélica possui um grau de ineditismo.

A ciência do ser enquanto ser não tinha ancestrais: também não terá posterioridade imediata. Somente Teofrasto retomará, sob uma forma, aliás, aporética, os problemas metafísicos tratados por seu mestre. A partir de Estraton, a escola aristotélica se ocupará dos estudos físicos, morais e, em menor grau, lógicos, como se isso fosse a totalidade da filosofia: não somente a legitimidade ou sentido, mas a existência mesma dos problemas que não sejam nem físicos nem morais, nem éticos, serão, doravante, perdidos até em um ambiente que pretendia se alimentar do pensamento de Aristóteles. A ciência do ser enquanto ser, recém-criada, cairá por séculos no esquecimento. (AUBENQUE, 2012, p.30)

Não obstante, seja verdadeira a sentença de Pierre Aubenque sobre os séculos de esquecimento que envolveram a proposta de Aristóteles, a intenção deste trabalho é descrever e analisar o conceito de *ousia* (substância) que sustenta a concepção aristotélica, partindo-se da disposição da mesma na *Metafísica*. Para tal, será realizada uma reflexão a partir dos livros VII, VIII e IX (*Dzeta (Z)*, *Eta (H)*, *Teta (Θ)*), visto por muitos comentadores de Aristóteles como um tratado que traz à tona a perspectiva da noção de *ousia* que evidencia o chamado Hilemorfismo, o composto de matéria e forma. Na sequência, será realizada uma análise da noção de *ousia* no livro XII (*Lambda (Λ)*), que apresenta uma teoria dos princípios, momento em Aristóteles descreve a natureza e a perfeição da substância suprassensível.

## A *OUSIA* NOS LIVROS *DZETA (Z)*, *ETA (H)*, *TETA (Θ)*

Há um consenso entre os estudiosos de Aristóteles em compreender que os livros VII, VIII e IX (respectivamente, *Dzeta (Z)*, *Eta (H)*, *Teta (Θ)*) formam uma unidade independente dentro da *Metafísica*. É nesta tríade que Aristóteles se esforça tremendamente na tentativa de determinar as causas primeiras, ou seja, os princípios. Se no livro IV, ele havia anunciado que “existe uma ciência que considera o ser enquanto ser e as propriedades que lhe competem enquanto tal” (1003a 20) e também que “o ser se diz em múltiplos significados” (1003a 32), caberá a ele na sequência apresentar os elementos que caracterizam essa ciência. É justamente esta ciência do ser enquanto ser, típica ciência dos filósofos, que trata de uma certa universalidade, fato que a distingue das ciências particulares, que possibilitará a Aristóteles se distinguir de toda uma tradição filosófica, dialogando com a mesma, mas superando-a através de uma investigação profunda a partir da noção de *ousia* (substância).

Vale lembrar o que está registrado no livro I, capítulo 7 da *Metafísica*.

De modo conciso e sumário examinamos os filósofos que discorreram sobre os princípios e a verdade, e o modo como o fizeram. Desse exame extraímos as seguintes conclusões: nenhum dos que trataram do princípio e da causa falou de outras causas que distinguimos nos livros da *Física*, mas todos, de certo modo, parecem ter acenado justamente a elas, ainda que de maneira confusa. (988a 18-23)

O que os filósofos antigos tangenciaram de maneira confusa, em Aristóteles será tratado de maneira objetiva, pois se *o ser tem muitos significados (to on légetai pollakós – 1028a 10)*, o primeiro deles é a *ousia* (a substância), esta ciência que no Estagirita será construída como filosofia primeira, pois deverá buscar fundamentalmente os princípios e as causas primeiras da substância.

Sobre a anterioridade da filosofia primeira, é bom lembrar o que disse Pierre Aubenque.

As expressões *próteros* e *hysteros* são termos cujo livro delta da *Metafísica* estuda as diferentes significações. Aristóteles distingue três sentidos. A princípio, a anterioridade designa uma posição definida em relação a um ponto de referência fixo, chamado primeiro (*proton*) ou princípio (*arkhê*); em geral, o que está mais próximo do princípio é dito anterior, e o que está mais afastado, posterior. A relação de anterioridade supõe, portanto, nesse caso, a escolha de antemão de um princípio, escolha que pode ser sugerida pela natureza (*phusei*) ou de modo arbitrário (*pròs tò tykhón*). O segundo tipo de anterioridade é a anterioridade conforme o conhecimento (*tò tei gnósei próteron*), que é também designada anterioridade tomada absolutamente (*haplos próteron*). [...] Enfim, o terceiro tipo de anterioridade é a anterioridade segundo a natureza e a essência (*katà physin kai ousíam*): nesse sentido, são ditas anteriores ‘todas as coisas que podem existir independentemente de outras coisas, enquanto as outras coisas não podem existir

**Uma análise do conceito de *ousía* em Aristóteles**

MORAES, Gerson Leite de

sem elas, distinção já utilizada por Platão'. Esse é, complementa Aristóteles, o sentido fundamental de anterioridade, pois todos os outros podem se reduzir àquele. (AUBENQUE, 2012b, pp.51-52)

A concepção aristotélica de substância possui uma polivocidade e a compreensão do que realmente disse Aristóteles sobre isso, requer um delicado trabalho filosófico, histórico e exegético. Para se chegar ao cerne da doutrina da substância em Aristóteles livrando-se de numerosos equívocos na história da filosofia, entre os quais as interpretações histórico-genéticas jaegerianas e antijaegerianas, as interpretações de fundo heideggeriano e as inspiradas pela filosofia analítica, é necessário, segundo Giovanni Reale, fazer um delicado trabalho em duas diferentes direções.

Em primeiro lugar, deve tentar retirar do problema as incrustações, ou seja, deve tentar libertá-lo de todas as interpretações posteriores, e tentar alcançar um estado de objetividade histórica, isto é, de libertação de pressupostos indevidos, que é o único a permitir que ele veja o problema com olhos puros, sem filtros e mediações de diferentes gêneros e, sobretudo, livre de certos condicionamentos específicos de caráter teorético. Em segundo lugar, (e este é trabalho mais difícil), deve defrontar-se com os diferentes e desconcertantes modos segundo os quais Aristóteles discute o problema da substância, verificando, antes de tudo, se existem constantes, quais e quantas; depois, tentando ver se existem relações entre as constantes, e, em caso afirmativo, quais são. (REALE, 2014, p. 87)

Em relação às observações feitas por Reale, vale ressaltar que a segunda (que é o trabalho mais difícil) é aquela que deve ocupar nossa atenção, pois a primeira parece ser um sonho romântico de uma exegese histórico-gramatical há muito abandonada, pois é impossível chegar aos “olhos puros, sem filtros e sem mediações”, a que o autor se refere, pela simples razão de que não há exegese sem pressupostos. O que deve ficar evidente é quais são estes pressupostos e como eles foram usados para analisar os princípios hermenêuticos e teóricos de outros, que porventura, estejam sendo avaliados.

Portanto, neste trabalho, haverá uma ênfase sobre “os diferentes e desconcertantes modos segundo os quais Aristóteles discute o problema da substância”. Primeiramente será apresentada a forma aristotélica de substância a partir de 04 significados principais e, na sequência, será apresentada a definição aristotélica naquilo que ficou conhecido como hilemorfismo.

No capítulo 3 do livro VII, Aristóteles assim define a substância:

A substância é entendida, se não em mais, pelo menos em quatro significados principais: considera-se que a substância de alguma coisa seja a essência, o universal, o gênero e, em quarto lugar, o substrato. (1028b 33-35)

Esta quadripartição de caráter metódico dos significados da substância segue a seguinte ordem, e, em grego se diz que a substância é essência (*tò ti ên êinai*), é universal (*tò kathólou*), é gênero

(*tò génos*) e substrato (*tò hypokeímenon*). O texto da maneira como está parece bastante confuso levando-se em consideração que na seqüência, esse esquema quadripartido apresentado por Aristóteles sobre a substância é desqualificado pela proposta do hilemorfismo, que trabalha com três significados relativos à *ousia*. Mas é importante frisar que a quadripartição não é uma tese propriamente aristotélica. Veja o que diz Reale a respeito:

Essa quadripartição não é a que apresenta o pensamento próprio de Aristóteles. Como já Waitz tinha notado (*Organon*, comm. *Ad 2 a 5*) e Schwegler reafirmou (*Methap.*, IV, p.42), na nossa passagem deve ser sublinhado o *dokeí* (*ousia dokeí éinai* ktl. I. 35), que indica, de modo bastante eloquente, que Aristóteles apresenta uma opinião dos outros, e não a sua. (REALE, 2017, p.335)

Para construir a sua teoria da substância, Aristóteles avalia em primeiro lugar o substrato (*hypokeímenon*), literalmente “aquilo que está debaixo”.

Pois bem, segundo Aristóteles, o substrato, em certo aspecto, pode ser considerado substância, mas, por outro aspecto, não. Por quê? Porque, para ser substância – Aristóteles o afirma aqui no terceiro capítulo do livro *Dzeta* –, uma coisa deve possuir dois requisitos indispensáveis: ser separada, *keboriston* e ser ‘um este’ (1029a 27-28). ‘Separada’ quer dizer que existe em si, e não em outro, que para existir não tem necessidade de ser em outro, mas existe em si, separadamente do resto; por exemplo, a cor branca não é separada porque não existe o branco isoladamente, existe o branco enquanto há objetos brancos, portanto, o branco se encontra sempre em outro, isto é, não é separado; ao contrário, o homem é separado, mais ainda o homem individualmente não é propriedade de outro, portanto, é separado. Ora – diz Aristóteles – o sujeito, o substrato, possui essa característica, possui esse requisito, portanto, é separado, não existe em outro, mas é aquilo no qual as outras coisas são; por isso, sob esse aspecto, o substrato pode ser considerado substância. Porém, ele não tem a segunda característica da substância, que é a de ser – diz Aristóteles – *tode tí*, um este. [...] Ora, ‘este’, ‘um este’ no caso do substrato não se pode dizer que exista, porque o substrato, sendo uma matéria, não é de per si determinado; para ser determinado, necessita de uma forma, de uma característica, de uma determinação que de per si, enquanto substrato, não possui, portanto, o substrato não é a verdadeira *ousia*, a verdadeira substância, não é o melhor candidato ao título de *ousia*. (BERTI, 2012, pp.99-100)

Sobre o universal (*kathólou*), a partir da *Metafísica* (VII, 1038b 8-12), pode-se dizer que para Aristóteles os universais (*aquilo que é comum a muitos indivíduos, aquilo que, por natureza, pertence a uma multiplicidade de coisas*) não são separados, ou seja, não existem em si. Se para Platão, os universais eram separados, seriam aquilo que denominamos como Ideias existentes em si, para Aristóteles os universais são somente predicados de realidades individuais, portanto, pode-se dizer que os universais não são a substância, pois não são separados.

Continuando nossa investigação, pode-se dizer que para Aristóteles, a forma, isto é, a essência, “o que a coisa é”, pode ser definida como substância. Na *Metafísica*, VII, 1032b 1-2, Aristóteles afirma: “*Por forma entendo a essência de cada coisa e sua substância primeira*”. Esta expressão, *substância primeira* que aparece poucas vezes na *Metafísica*, parece ser um resquício de um Tratado de juventude intitulado *Categorias*.

Para exemplificar a questão da forma, pode-se tomar como exemplo a forma do homem. O que é aquilo que faz o homem ser homem, aquilo que o faz viver? Para Aristóteles, o homem é um animal (e este é gênero comum a todos), que possui vida (*zôê*), dotada de *logos*, ou seja, de alma racional.

O que resulta, enfim, é uma forma de determinada espécie realizada nessas carnes e ossos: por exemplo Cálías e Sócrates; e eles são diferentes pela matéria (ela é diversa nos diversos indivíduos), mas são idênticos pela forma (a forma, de fato, é indivisível). (*Metafísica*, VII, 1034a 5-8)

Pode-se concluir que a essência, não compreendida como uma essência separada, pois esta é uma ideia platônica, mas compreendida como a forma das substâncias materiais, dos corpos físicos, esta sim, é uma substância.

Para além desta, há outra substância identificada por Aristóteles que é o composto de matéria e forma, que ele denomina com um termo técnico, o *synólon*; palavra esta que em grego quer dizer “inteiro”, aquilo que está junto todo inteiro, *syn-bólon*.

Como todos os objetos físicos são constituídos de matéria e forma, pode-se dizer que a matéria é aquilo do qual são feitos, e a forma é o modo no qual são organizados.

E chama-se substrato primeiro, em certo sentido, a matéria, noutro sentido a forma e num terceiro sentido o que resulta do conjunto de matéria e forma. Chamo matéria, por exemplo, o bronze; forma a estrutura e a configuração formal; sínolo o que resulta deles, isto é, a estátua. De modo que, se a forma é anterior e mais ser do que a matéria, pela mesma razão ela também será anterior ao composto. (*Metafísica*, VII, 1029a 1-6)

Aqui está, portanto, a noção de substância em Aristóteles, aquilo que a tradição convencionou chamar de Hilemorfismo, a saber, a doutrina do composto (*sínolo*) de matéria (*hylê*) e forma (*morphê*).

É sabido que a partir desta compreensão, muitas coisas podem ser trabalhadas em Aristóteles. Como salienta Lucas Angioni, “as reflexões de Aristóteles sobre as noções de matéria e forma, que dão nome ao ‘hilemorfismo’, se situam numa região limítrofe entre a ontologia e aquilo que hoje denominaríamos ‘filosofia da ciência’”. (ANGIONI, 2000, p.137). De fato, ao explicitar sua compreensão de *ousia*, Aristóteles possibilita o avanço do conhecimento, pois a substância sensível definida, obriga que aqueles que se aventuram na reflexão filosófica busquem

construir seus discursos atentando para a unidade, identidade e universalidade dos objetos apreciados. É bom lembrar o que Aristóteles disse no livro Beta da *Metafísica*.

Há, depois, uma questão afim a esta, que é a mais difícil de todas e cujo exame é o mais necessário. Dela devemos agora falar. Se, com efeito, não existe nada além das coisas individuais, e se as coisas individuais são infinitas, como é possível adquirir ciência dessa multiplicidade infinita? De fato, nós só conhecemos todas as coisas na medida em que existe algo uno, idêntico e universal. (*Metafísica*, III, 999a 24-29)

Portanto, pode-se dizer que é possível adquirir ciência e avançar em matéria de conhecimento porque ao discorrer e definir o conceito de *ousia*, como substância sensível, Aristóteles assegura os meios confiáveis para tal empreitada.

## A *OUSIA* NO LIVRO LAMBDA A

Depois de trabalhar a substância sensível, Aristóteles se encarrega de expor as características da substância suprassensível. Vale lembrar que entre as ciências distinguidas por Aristóteles, a saber: *as ciências teóricas* (que buscam o saber em si mesmo), *as ciências práticas* (que buscam o saber para alcançar a perfeição moral) e *as ciências poéticas ou produtivas* (aquelas que buscam o saber em função do fazer), as primeiras são as mais elevadas. “É claro, portanto, que existem três gêneros de ciências teóricas: física, matemática e teologia. Ora, entre todos os gêneros de ciências o gênero das ciências teóricas é o mais excelente”. (*Metafísica*, XI, 1064b 1-2).

Como se pode depreender da leitura em Aristóteles, a metafísica é a busca das causas primeiras e dos princípios. Afinal quem conhece só conhece de fato pelas causas. “Do que foi dito resulta que o nome do objeto de nossa investigação refere-se a uma única ciência; esta deve especular sobre os princípios primeiros e as causas, pois o bem e o fim das coisas é uma causa”. (*Metafísica*, II, 982b 8-10)

No raciocínio coerente de Aristóteles, a definição de *Metafísica* dada acima leva a outras definições possíveis, como por exemplo, a *Metafísica* que “indaga o ser enquanto ser”; a *Metafísica* que “indaga a substância sensível” e a *Metafísica* que “indaga a substância suprassensível”.

Como já foi realizada a análise da substância sensível, o enfoque neste momento recairá na substância suprassensível. Há toda uma discussão na história da Filosofia sobre o livro Lambda. Desde a Antiguidade, com Alexandre de Afrodisos, cujo comentário sobre o livro Lambda não foi preservado, mas que foi tornado conhecido por Averróis, tem-se a compreensão de que este livro é o último da *Metafísica*, pois nele Aristóteles apresenta a existência da substância primeira, que é a realidade última, mostrando que se atingiu o ápice da elucubração sobre a ciência em questão. Nesta perspectiva de Alexandre de Afrodisos, nos livros subsequentes M e N não haveria nenhuma explicação sobre o objetivo primeiro da metafísica. Tal tendência, ajuda a compreender o porquê de muitos comentadores árabes e latinos simplesmente não discutirem tais livros, considerando, portanto, o livro Lambda como a conclusão da *Metafísica*.

Vale ressaltar também que há quem considere o livro Lambda, um tratado independente dentro da *Metafísica*, neste sentido merecem destaque as figuras de Werner Jaeger (1888-1961) e David Ross (1877-1971) que apontaram para tal peculiaridade ainda no início do século XX.

Seja como for, é importante reforçar a ideia de que Aristóteles apresenta no livro Lambda uma teoria dos princípios, que poderia ser chamada de Protologia.

O livro K já havia anunciado o tema do livro Lambda.

Existe, portanto, outra ciência diferente seja da física seja da matemática, que estuda o ser enquanto separado e imóvel, dado que verdadeiramente exista uma substância desse tipo, ou seja, uma substância separada e imóvel, como tentaremos demonstrar. E se entre os seres existe uma realidade desse gênero, ela deverá ser o divino e também o Princípio primeiro e supremo. (*Metafísica*, XI, 7, 1064a 35-36)

De forma resumida, Enrico Berti assim apresenta os cinco primeiros capítulos do Livro *Λ*.

[...] após haver distinguido três gêneros de *ousiai*, dois móveis e um imóvel (cap.1), Aristóteles indica os princípios das *ousiai* móveis na matéria, isto é, no substrato, na forma e na privação (cap.2), acrescentando a causa motora (cap.3). Na sequência, mostra que esses princípios são diferentes para as diferentes *ousiai*, mas que são os mesmos por analogia, ou seja, que cada *ousia* possui sua própria matéria, sua própria forma, sua própria privação e sua própria causa motora, mas que a função exercida por cada um desses diferentes princípios é a mesma para cada *ousia*, além disso, uma vez que as *ousiai* são os princípios de todos os seres, os princípios das *ousiais* são, com mais forte razão, os princípios de todos os seres (cap.4). Finalmente, ele acrescenta que a primeira de todas as causas motoras, ou seja, ‘o que, como primeiro de todos os seres, os move a todos’ (*to hós prôton pantôn kinoum panta*), é o mesmo princípio para todas as *ousiai*, não por analogia, mas numericamente (cap.5). (BERTI, 2009, p.70)

É na segunda parte do livro Lambda que Aristóteles expõe a famosa demonstração da existência de uma *ousia* imóvel, necessária como causa motora do movimento eterno do céu.

Dissemos acima, que as substâncias são três, duas físicas e uma imóvel. Pois bem, devemos falar agora desta e devemos demonstrar que necessariamente existe uma substância eterna e imóvel. [...] Se existisse um princípio motor e eficiente, mas que não fosse em ato, não haveria movimento; de fato, é possível que o que tem potência não passe ao ato. [...] Também não basta que ela seja em ato, se sua substância implica potência: de fato, nesse caso, poderia não haver o movimento eterno, porque é possível que o que é em potência não passe em ato. Portanto, é necessário que haja um Princípio, cuja substância seja o próprio ato. Assim, também é necessário que essas substâncias sejam privadas de matéria, porque

**Uma análise do conceito de *ousia* em Aristóteles**

MORAES, Gerson Leite de

devem ser eternas, se é que existe algo de eterno. Portanto, devem ser ato. (*Metafísica, A*, 6, 1071b 3-23)

No capítulo 7, Aristóteles acentua que a substância imóvel e eterna é pura atividade, isto é, atividade de pensamento, que o leva à conclusão de que se trata de um deus, ou seja, um ser vivo, eterno e perfeito.

Se, portanto, nessa feliz condição em que às vezes nos encontramos, Deus se encontra perenemente, isso nos enche de maravilha; e se Ele se encontra numa condição superior, é ainda mais maravilhoso. E ele se encontra efetivamente nessa condição. E ele também é vida, porque a atividade da inteligência é vida, e Ele é, justamente, essa atividade. E sua atividade, subsistente por si, é vida ótima e eterna. Dizemos, com efeito, que Deus é vivente, eterno e ótimo; de modo que a Deus pertence uma vida perenemente contínua e eterna: isto, portanto, é Deus. (*Metafísica, A*, 7, 1072b 25-30)

Desta forma, Aristóteles consegue concluir o programa anunciado nos capítulos precedentes, a saber, o de que indicar os princípios de todas as *ousiai*, exatamente porque a *ousia* imóvel é introduzida enquanto princípio das substâncias móveis e eternas, ou em outras palavras, os céus.

Uma vez que os céus são vários, as *ousiai* imóveis necessárias para explicar seus movimentos eternos devem ser, também elas, várias, mas acima de tudo há uma, o motor do primeiro céu, que corresponde perfeitamente à definição de ‘primeiro de todos os seres’, e que é uno, tanto formal como numericamente. Cada uma dessas *ousiai*, diz-nos Aristóteles, deve ser considerada um deus, e por conseguinte – acrescentamos nós – a primeira delas deve ser considerada a primeira entre os deuses (cap.8). (BERTI, 2009, p.70)

O livro Lambda possui uma conclusão esclarecedora no sentido de confirmar que a tarefa do livro era essencialmente a busca dos princípios das *ousiai*. Aristóteles conclui assim:

Os que sustentam que o princípio é o número matemático e afirmam que há uma sucessão de substâncias sem fim, e que para cada substância existem diversos princípios, reduzem a realidade do universo a uma série de episódios (de fato, a existência ou não de uma substância não tem a menor importância para a outra), e admitem muitos princípios; mas as coisas não querem ser mal governadas: ‘o governo de muitos não é bom, um só seja o governante’. (*Metafísica, A*, 10, 1076a)

Ao estabelecer o primeiro motor como a substância imóvel e eterna, Aristóteles conseguiu garantir a explicação e o funcionamento das demais substâncias. Sabe-se que tanto a tradição cristã como a árabe tentaram encontrar no livro Lambda uma teologia, empreitada esta que é frustrada porque não encontra sustentação na própria obra, o que de fato é possível encontrar neste livro é uma teoria dos princípios, algo que Aristóteles conseguiu fundamentar com maestria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir a noção de *ousia* em Aristóteles é algo que exige cuidado e dedicação, pois a organização da obra como foi preservada pela tradição, desde Andrônico de Rodes, sugere uma estrutura sistemática, o que definitivamente não é real. Mesmo sabendo dos perigos envolvidos numa leitura linear da *Metafísica*, procurou-se neste trabalho, primeiramente evidenciar a noção de substância sensível, pois esta garante a possibilidade de avanços na ontologia e na filosofia da ciência. Ao apresentar as características do hilemorfismo, Aristóteles definiu as regras do debate sobre o que é e como devem ser discutidos os objetos que são alvos do conhecimento racional. Na sequência, houve um esforço para demonstrar que o livro Lambda da *Metafísica* é a construção de uma teoria dos princípios, uma Protologia. Este livro, ou como querem alguns, um tratado, foi ressignificado muitas e muitas vezes por várias tradições religiosas, fato que levou muitos comentadores a confundirem o primeiro motor com o Deus de grupos religiosos, como o Deus dos cristãos e o Deus dos muçulmanos. Foi possível observar que a substância suprassensível não dá margem para isso, a filosofia primeira de Aristóteles não é uma teologia como esta veio a ser conhecida posteriormente, mas uma busca dos primeiros princípios. Quando se olha o conjunto dos trabalhos aristotélicos, tanto voltados para a substância suprassensível como para a substância sensível, pode-se perceber que Aristóteles foi exitoso na empreitada de oferecer um conhecimento das causas primeiras, afinal quem conhece, só conhece pelas causas.

## REFERÊNCIAS

ANGIONI, Lucas. **O hilemorfismo como modelo de explicação científica na filosofia da natureza em Aristóteles**. Belo Horizonte: Kriterion, Vol. XLI, n.102, 2000.

ANGIONI, Lucas. **As Noções Aristotélicas Substância e Essência: o livro VII da Metafísica de Aristóteles**. Campinas: UNICAMP, 2008.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2014. Volume I. [Ensaio Introdutório].

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2015. Volume II. [Texto grego com tradução ao lado].

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2017. Volume III. [Sumários e Comentários].

AUBENQUE, Pierre. **Desconstruir a Metafísica?** São Paulo: Loyola, 2012.

AUBENQUE, Pierre. **O problema do ser em Aristóteles: ensaios sobre a problemática aristotélica**. São Paulo: Paulus, 2012.b

BERTI, Enrico. Existe uma teologia de Aristóteles? *In*: LANGLOIS, Luc. ZARKA, Yves Charles. **Os filósofos e a questão de Deus**. São Paulo: Loyola, 2009.

BERTI, Enrico. **Estrutura e Significado da Metafísica de Aristóteles**. São Paulo: Paulus, 2012.

DIÓGENES LAÉRTIOS. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. Brasília: UNB, 2008.

HAMELIN, Guy. Ciência e Saber. **A importância da concepção platônica da natureza da epistêmê em Aristóteles**. *Journal of Ancient Philosophy*. ISSN 1981-9471 - FFLCH/USP. São Paulo, v.12, n.1. p. 1-21, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/dell/Downloads/130745-Article%20Text-296962-1-10-20180619.pdf>

REALE, Giovanni. Ensaio Introdutório. *In*: ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2014. Volume I.

REALE, Giovanni. Sumários e Comentários. *In*: ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2017. Volume III.

ZINGANO, Marco. “As Categorias de Aristóteles e a doutrina dos traços do ser”. *In*: **Revista Dois pontos**: Revista dos Departamentos de Filosofia da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Federal de São Carlos. Curitiba, São Carlos vol. 10, n. 2, p.225-254, outubro, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/32185/21775>